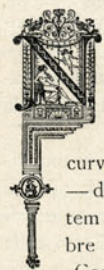
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 5 | 29 DE JANEIRO | 1893

Condessa de Sabugosa e de Murça

Não sei precisamente em que anno, em que dia foi; sei que já lá vae ha muito na bruma indecisa do passado, sei que me acodem lagrimas aos olhos ao recordal-o, sei que a curva azul e transparente de um céu de inverno — d'este inverno do nosso Portugal que já não tem nada bom senão isso — se arredondava sobre a deliciosa paisagem do Mondego, e que o Conde de Sabugosa, Gonçalves Crespo e a pessoa que assigna estas linhas, caminhavamos alegremente pela estrada que de Coimbra vae dar a um dos seus poeticos e lindos suburbios, a Santo Antonio dos Olivaes, para visitarmos em amoravel romaria a pequena casa entre arvores, que ia ser o ninho de noivado da graciosa e então quasi infantil condessinha, cujo retrato honra hoje a pagina principal da *Semana*.

Como isto vae longe! Gonçalves Crespo não tinha ainda publicado senão o seu primeiro livro de versos, essas *Miniaturas* adoraveis, cuja perfeição plastica só póde ser igualada pela graça indolente e melancholica da musica de sonho que d'ellas se evola; a aza da morte não pairava ainda nem de longe sobre essa fronte devastada de poeta e de artista, que o seculo de Petrarcha teria coroado de myrtho e louro, e cujo nome, hoje esmaecido sobre a pedra de uma sepultura, seria n'outro paiz um culto dos moços e das mulheres, como é em França o de Musset, como é na Allemanha o de Heine; a rubra flôr da mocidade distillava o seu inebriante aroma na alma dos tres romeiros, as alegrias sagradas de uma união feliz já irradiavam em mysticas promessas no olhar do noivo, velado, enternecido. Tudo era esperança e luz, em nós, em torno de nós.

. . . .

Ficou-me d'essa tarde, d'essa paisagem, d'essa visita ao perfumado ninho dos dois noivos uma saudade tamanha, uma impressão tão inolvidavel, que paira irresistivelmente sobre mim, agora que, volvidos tantos annos, eu vou fallar da Condessa de Sabugosa. . .

Anno e meio depois, já formados em direito o Conde de Sabugosa e Gonçalves Crespo, via pela primeira vez em Lisboa, — onde eu acabava tambem de chegar, depois de quinze annos de quasi absoluto isolamento — essa figurinha graciosa e fragil, de um tom aristocratico tão subtil, em cujo olhar ha tanta malicia innocente, em cujo sorriso ha tanta bondade ingenita, que manejando o *lorgnon* tem um não sei quê de requintado e espirituoso, que lembra as marquezitas do seculo XVIII, empoadas e ironicas; e que, fallando e deixando entrevêr o fundo do seu coração, revela thesouros de bondade firme, de solido bom senso, de sereno e claro entendimento, raros, elevados, preciosissimos.

Via-a pela primeira vez, repito, mas conhecia-a já muito atravez da palavra colorida, respeitosa e enthusiasta de Gonçalves Crespo, que tinha por ella um culto jámais desmentido, que nos primeiros rebates da agonia que o arrancou a tantos braços amigos, já no leito de onde não tornou a erguer-se mais, lhe dedicava ainda aquelle divino soneto camoneano em que o presentimento da morte se esvae n'uma especie de queixa dolorida, lembrando o gemido de uma corda que estalla em lyra de ouro. Nos seus pequenos braços de mãe,

infatigaveis e cariciosos, a Condessinha trazia então o seu primeiro filho.

Era encantador o vel-a, *the child-wife* — que o Dickens pintou com a estranha e morbida sensibilidade do seu coração convulso — embalando o filhinho, ainda com um sorriso virginal, quasi infantil, no labio em flôr e já com um raio de pensativa e grave ternura protectora no olhar que a maternidade enchia de luz.

Dobrada, inquieta e carinhosa sobre o berço do filho, pasmada ante o vago mysterio d'aquella vida que desabrochava, essa creança-mãe tinha um encanto especial, um casto nimbo de poesia, que a mim, — muito mais velha do que ella, e já sollicitado o olhar pelo lado sombrio das cousas — me fazia durante longos minutos contemplal-a commovida e feliz!

Depois d'essa primeira iniciação da nossa amisade, vi-a em mil varios lances da vida e soube aprecial-a e estimal-a sempre mais.

É que n'ella não ha nem a banalidade, nem o artificio que o *mundanismo*, ou para fallar com menos incorrecção, o trato frequente da sociedade, imprime nos que pela sua posição evidente são obrigados a seguir-lhe os frivolos preceitos.

É um caracter e é um coração. Consolando as dôres alheias com uma piedade que a move até ás lagrimas, e põe notas de uma sympathia communicativa, d'uma doçura calmante na sua voz boa e sincera, ou curvada ella propria sob as unicas dôres com que á Providencia approuve obumbrar, entristecer o seu lar tão invejavel e tão feliz — as dôres que a implacavel morte dá ao coração das que sabem amar, ao coração das mães como ella é — n'esses dois momentos caracteristicos em que uma alma de mulher póde deixar melhor aquilatar o oiro de que é formada, eu vi, eu poude bem conhecer a vibrante sensibilidade, a capacidade de comprehender e de soffrer, a profundesa de sentir constante e rara que ha n'aquelle delicado e tão feminino organismo.

Nas horas calmas da vida quotidiana, o que mais a singularisa e distingue é a sua hospitalidade patricia, d'uma graça que melhor se sente do que se define, a sua curiosidade intelligente, o seu amor das cousas do espirito, manifestado sem a mais leve pretenção, e como que exhalando-se inconscientemente d'ella, o tom incisivo e fino da sua conversação em curtas phrases rapidas, tão natural, tão facil, e sobre a qual a loura e pequenina abelha da Ironia adeja de vez em quando tão ligeiramente...

Sincera, sel-o-ia até á intransigencia absoluta se altas conveniencias lhe não subjugassem a nativa espontaneidade.

Ainda assim — cousa rara em quem tem fatalmente de executar o seu papel na scena do mundo — a Condessa de Sabugosa nunca mente. Os subtis cambiantes do seu trato dão, apesar da impeccavel polidez que o distingue, a cada pessoa o logar que no coração d'ella ou na sua estima lhe pertença.

Sabe escolher, o que dá aos eleitos um prazer de vaidade. quando não seja um prazer de coração.

As suas virtudes que a modestia mais exalça, a sua dedicação aos mais altos e queridos deveres, o seu nascimento e a sua alliança com o descendente de uma velha e illustre raça, uma das mais nobres do paiz, tudo a indicava para ser chamada a cumprir junto da Rainha de Portugal um cargo honroso e delicado. As pessoas que de perto ou de longe, de tradição ou por convivencia intima a conhecem, são unanimes em applaudir a escolha que d'ella foi feita para essa missão melindrosa. É bom que se saiba que a Rainha, personagem que mais ou menos pertence a todos nós, tem junto de si, além de outros de que se não trata agora, um coração dedicado e leal, um coração honesto e sincero, incapaz de adular, e incapaz de mentir.

O espaço não permitte mais que um esboço rapido, e mais, muito mais fica por dizer, do que fica dicto. Sómente acrescentaremos que as creaturas, desgraçadamente dotadas d'aquella faculdade critica, exigente e fastienta que lhes não permitte que amem sem dar por base ao seu affecto a profunda estima, não terão nunca de vêr reduzido deploravelmente a ruina e cinza o affecto que um dia consagraram á Condessa de Sabugosa.

Quem lhe quiz uma vez, querer-lhe-ha sempre mais, tão nobre é a sua maneira de entender a amisade, tão alta é a sua comprehensão do dever, tão profundo é o seu desdem pelas hypocrisias sociaes, tão incapaz é ella de desmentir a sua altiva origem n'aquellas pequeninas traições em que o instincto da mulher de sala, quando prevertido, se deleita, com felina voluptuosidade.

O retrato que a *Semana* apresenta não é absolutamente fiel, como nenhum dos retratos que conheço da Condessa de Sabugosa.

O encanto do seu rosto provém da extrema mobilidade da expressão, do contraste que eu já indiquei acima entre o sorriso e o olhar myope, penetrante e risonho, da complexidade de impressões que em cada momento a fazem vibrar, e nunca a photographia poude traduzir este genero de physionomias que a luz interior illumina e espiritualisa.

Lembro-me porém, — n'uma *soirée* que revejo saudosamente agora, porque o alto e finissimo gosto que a dirigiu e animou não póde mais manifestar-se em vida — de ter visto a Condessa como eu a queria retratada: *avec un doigt de rouge* na pallidez das suas faces delicadas, um *signal* ao canto dos labios, uma nuvem ligeira de pós *à la marechale* nos cabellos que a pequenina touca de preciosas rendas enquadrava garridamente, e parecendo uma fina e deliciosa estatueta de

Saxe, ou um gentil retrato do seculo desoito, descido da sua aurea moldura, e, por espaço de uma noite, milagrosamente animado de formosura, intelligencia e graça.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

No proximo numero, o medalhão do Conde de Casal Ribeiro. Artigo de Pinheiro Chagas.

POLITICA SEM POLITICA

Batida no debate politico da camara, a commissão de fazenda jurou vingar-se e tirar do sr. ministro da fazenda e presidente do conselho de ministros a mais cruel desforra na seguinte reunião.

E assim succedeu. O illustre chefe do gabinete foi implacavelmente sujeito a uma terrivel sabatina de *taboada*, cujo exito, infelizmente, elle nem poderá contar ao lado dos seus triumphos forenses.

8 vezes 4, dizia-lhe o sr. Teixeira de Sousa, mathematico pelo circulo plurinominal de Villa Real; 5 *vezes 6*, insistia o intrepido major Serpa Pinto; *2 vezes 4*, obtemperava, compassivo, o antecessor fazendario do sr. José Dias, sr. Oliveira Martins, querendo adoçar o problema e collocal-o á altura do alumno.

E o sr. José Dias — *3 vezes nada*, *cousa nenhuma!*

Mas, tambem, genuino portuguez, de antes quebrar do que torcer, faça-se-lhe esta justiça, não esteve com historias. E em vez de dizer *8 vezes 4... 96*, preferio logo ali o declarar com a sua conhecida franqueza: Meus senhores, eu de cifras, não sei. A taboada do orçamento, se é má, não tenho nada com isso. Essa taboada é a da secretaria.

Mas o peior é que a arithmetica da repartição parece que se não mostrou tambem muito á altura, pois a conclusão final da sessão foi que o *deficit*, em vez de dever calcular-se em 5.000 contos, talvez tenha de computar-se em 9.000...

E dizemos *talvez*, porque o rigôr não é precisamente a qualidade primaria da mathematica financeira, em geral.

Sirva isto de consolação ao sr. José Dias que tão cruelmente acaba de reconhecer em si mesmo, que o conhecimento profundo dos codigos e das leis não incute por si só a sciencia dos numeros.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Só n'um paiz como o nosso, de um clima tão ameno, de um ceo tão azul, de uma atmosphera tão suave, se póde, em pleno mez de Janeiro, inaugurar uma série de *garden-parties*, como a que inaugurou terça-feira, no jardim da sua formosa vivenda, o nosso presado amigo sr. Bernardo de Pindella.

Quem n'este momento se achar em Madrid, em Paris, em Londres ou em Berlim, n'uma temperatura que faz descer os thermometros a muitos graus abaixo de zero, mal poderá comprehender a delicia de estar durante tres horas ao ar livre n'um jardim, assistindo ao enthusiasmo com que algumas senhoras e alguns elegantes disputam entre si uma partida de *lawn-tennis!* E todavia foi essa delicia que sentiram as pessoas que tiveram a honra de ser recebidas pela sr.ª D. Mathilde dos Anjos Pindella, que dispensou a todas as suas visitas a mais graciosa e mais captivante amabilidade.

Passaram-se tres horas encantadoras, no convivio adoravel de um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, já assistindo ás peripecias da partida, já admirando o deslumbrante panorama, que se desenrola sobre o Tejo, desde os frondosos pinhaes do Alfeite até ás verdes e distantes colinas da Trafaria.

Entre o grupo de jogadores do *lawn-tennis* figurava Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso, que assim quiz dar ao nosso amigo mais uma prova da estima com que o distingue.

Estiveram as sr.as:

Marqueza do Fayal, Condessas de Sabugosa, de Villa Real e filhas, Madame Goschen, D. Maria Joaquina d'Ornellas e filhas, D. Maria Izabel O'Neil, D. Luiza Mayer de Mello, Mademoiselle Munro, D. Leonor Anjos e irmã, D. Alice Franco Ribeiro, D. Thereza Aranha de Serpa, D. Maria Penafiel.

No ultimo *five-o'clock-tea* da sr.ª Viscondessa de Taveiro estiveram as sr.as:

Duqueza d'Avila e de Bolama, Marquezas d'Oldoini e filha, da Praia e Monforte e filha, de Sabugosa e filhas, Condessas de Bobone e filhas, de Castro e filha, de Calhariz, da Guarda, das Antas, da Cunha Mattos, de S. Januario e irmã, de Almedina e filha, de Thomar e filhas e do Paço do Lumiar, Viscondessa d'Andaluz, Ministra da Belgica, Madame Goschen, de Labouliniére, Madame Mathias de Carvalho e filha, Madame Verda, D. Sophia Bellas, D. Mathilde Anjos Pindella, D. Luiza de Mello (Sabugosa), D. Patrocinio Barros Lima, D. Marianna de Castro Guimarães, Madame Serpa Pimentel e filha, D. Anna Linhares e irmãs, D. Maria Joaquina d'Ornellas e suas filhas, D. Thereza Ferrão e filha, D. Alice Franco Ribeiro, D. Bertha Ramos, Madame Ortigão Burnay, D. Maria Palha Wan-Zeller e filha, D. Luiza Salema e filhas, D. Conceição de Castro, D. Margarida Street e sua sobrinha D. Amalia, D. Maria Guerra Quaresma, D. Rosalina Pinto Coelho, D. Maria de Magalhães, D. Alice Anjos e filhas, D. Clara Vianna e filha, D. Maria Izabel O'Neill, D. Maria Domingas da Camara, etc.

No *raout* semanal da sr.ª Condessa de Valbom, entre outras, as sr.as:

Marquezas do Fayal, d'Oldoini e filha, de Sabugosa e filhas, Condessas de Sabugosa, de Jimenez e Molina, de Gouveia, de Bertiandos, das Antas, Viscondessa de Andaluz, D. Maria Domingas Belmonte, D. Maria Josepha da Costa Motta, D. Anna de Serpa Pimentel e filha, D. Sophia de Castro, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Izabel O'Neil,

D. Mathilde dos Anjos Pindella, D. Luiza Mayer de Mello, D. Luiza Graça, D. Maria Francisca da Costa Lima, D. Josephina Ribeiro da Cunha, Madame Mayer e filha, etc.

Na *matinée* da sr.ª D. Anna de Serpa Pimentel, as sr.as:

Marqueza de Sabugosa e sua filha D. Thereza, D. Luiza de Mello, Viscondessa de Balsemão, Madame Godel Lanoy, D. Anna d'Alincourt Braga, Condessas da Cunha Mattos, de Almedina e filha, D. Maria Luiza, Madame Komarow, D. Anna Sousa Coutinho, D. Maria Sousa Coutinho e D. Izabel Sousa Coutinho, Madame Garland e filhas, Madame Alvim e suas filhas, Madame Costa Pinto, D. Octavia Guedes e suas filhas, Marqueza de Pomares, D. Maria Francisca Lapa, Condessa de Calhariz de Bemfica, D. Cecilia Wan-Zeller, D. Alice Franco Ribeiro, D. Maria de Sousa Prego, D. Maria Francisca Meuron de Araujo e sua filha, D. Josepha Telles de Vasconcellos, D. Sophia Castello Branco de Castro, Condessa de Proença-a-Velha, D. Maria do Carmo Vaz de Carvalho Ayres e suas filhas, D. Maria José de Serpa e filha, D. Eulalia de Serpa Forjaz, Madame Schaw e sua filha, D. Carlota Saldanha, D. Piedade Rocha, Viscondessa de Benavente, D. Maria de Zéa Bermudez Calheiros, D. Emilia Ramalho Ortigão, D. Bertha Ortigão Ramos, Viscondessa de Taveiro, D. Leonor Lobo d'Avila Manuel.

Na *soirée* de Madame Veraeghe, as sr.as:

Marqueza Oldoini e filha, Condessas da Cunha Mattos, de Gouveia, de Bray, de Sabugosa, das Antas, D. Grimareza Vianna de Lima, D. Alice Franco Ribeiro, Madame Costa Pinto, D. Maria Izabel O'Neil, D. Mathilde dos Anjos Pindella, D. Anna de Serpa Pimentel e filha, D. Maria Palha Wan-Zeller e filha, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, Madame Komarow, etc.

*

Na segunda-feira de carnaval, a sr.ª D. Maria Izabel O'Neil dá nas suas esplendidas salas um baile *costumé*.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 29 — As sr.as: Baroneza de Sabroso, D. Maria do Rosario Borbe Camarate, D. Maria Victoria Pestana da Silva, D. Maria Teixeira d'Aguillar, D. Elvira Clara Thomasini.

E os srs.: Conde de Caria, Visconde de Villar Allen, José Evaristo de Moraes Sarmento, João Salema da Penha Coutinho.

Segunda-feira 30 — As sr.as: D. Maria Adelaide dos Santos, D. Maria José de Portugal de Abranches Queiroz, D. Maria Izabel de Siqueira Freire (S. Martinho), D. Emilia Holbeche.

E os srs.: Luiz de Ornellas (Calçada), Jacintho de Bettencourt e Mello, Manuel Antonio de Oliveira e Silva, José Maria da Costa Neves.

Terça-feira 31 — As sr.as: D. Beatriz de Vasconcellos, D. Emilia Infante de Lacerda, D. Rosa de Freitas Queriol, D. Emilia de Barros Lima, D. Francisca de Sande e Castro.

E os srs.: Visconde de Roboredo, D. Luiz d'Almeida, Pedro de Barros Lima, Alfredo Moraes de Carvalho, Fortunato Chamiço, João Augusto Pereira d'Eça de Chaby, Manuel da Motta Pessoa d'Amorim.

Quarta-feira 1 — As sr.as: D. Maria das Dôres Guimarães Pestana da Silva, D. Anna Margarida Serzedello, D. Adelaide Augusta Pereira Pegado, D. Emilia Jorge Costa.

E os srs.: Anselmo Braamcamp Freire, João Lobo Cardoso do Amaral de Menezes Atalaya e Mello, Guilherme Ferreira Pinto Basto, Antonio Jervis da Athouguia Ferreira Pinto Basto.

Quinta-feira 2 — As sr.as: Marqueza de Oldoini, Condessa da Foz de Arouce, D. Eugenia de Castello Branco (Pombeiro), D. Maria Luiza Freire de Andrade Pimentel, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

E os srs.: D. Franco d'Almeida Correia de Sá, Antonio Pereira de Amorim Navarro, Augusto Trony, Francisco Angelo d'Almeida Pereira de Sousa.

Sexta-feira 3 — As sr.as: D. Maria Eugenia de Sousa Chichorro Barata Mexia Cayolla, D. Maria Augusta d'Abreu Albuquerque Botelho de Gouveia, D. Leonor Barreiros Cardoso Garcia.

E os srs.: Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, João Augusto d'Orbe Camarate, Luiz Antonio da Silva Castro, Dr. João Dally Alves de Sá, Manuel Pereira Ramos d'Azevedo Coutinho Santo Iago Ramalho, Henrique da Cunha Pimentel Junior.

Sabbado 4 — As sr.as: D. Constança Luiza de Lencastre Bastos Boharem, D. Emma Veiga de Araujo, D. Maria Roma Barbosa, D. Maria José de Lencastre e Menezes.

E os srs.: Carlos do Rego Heitor da Fonseca Magalhães (Geraz de Lima), General Francisco José Maria de Azevedo, José Maximo de Brito e Castro, Alfredo Trony.

FOLHETIM

CARTAS
DE
CARLOS A JOANNINHA

V

O que eu senti quando, apezar de tão desfigurados pelos tres-altos de neve que os cobriam, comecei a reconhecer aquelles sitios da vizinhança do parque, e a confrontar as arvores, os pastios, os casaes d'aquelles arredores!

Era outra a expressão de physionomia da paizagem, mas as queridas feições eram as mesmas e uma a uma lh'as ia estremando.

Emfim o meu *stage* parou á entrada do parque, e eu tomei a pé pela longa avenida. Eram nove horas da manhan, e a manhan brumosa, fria, mas o tempo macio, não estava *cru*, segundo a expressiva phrase do paiz.

Por entre a nevoa que me incubria a antiga mansão e envolvia as arvores circumstantes n'um sudario cinzento e melancholico, fui caminhando, quasi pelo tacto, até meia alameda talvez.

Parei a reflectir na minha posição e no que eu ia ser n'aquella casa que de novo me abria suas portas hospitaleiras, quando, atravez da neblina brancacenta e onde ella era mais rara, descubri um vulto que vinha a mim de entre as arvores do parque.

O vulto era de mulher e parecia uma sombra, uma apparição phantastica em meio d'aquella scena mysteriosa, só, triste.

Na distancia figurava-se-me alto em demazia: Julia não era nem podia ser; Julia a mais diminuta e delicada de quantas fadas bonitas e graciosas teem trazido varinha do condão. Laura... ai! Laura tão longe estava d'alli... Quem seria pois? só se fosse!... Quem?

Aquella elegancia, aquelle cabello sôlto e annellado, aquelle ar gentil não podia ser senão d'ella...

D'ella quem?

Ainda te não fallei, quasi da ultima das tres bellas irmãs que me incantavam, não t'a descrevi, não t'a nomeei pelo seu nome. Repugnava-me fazel-o. Mas é preciso; custa-me, não ha remedio.

Era Georgina...

Georgina que tu conheces, Georgina que... era Georgina a que vinha a mim n'aquella — fatal ou feliz? — manhã; Georgina que de todas tres era a que menos me fallava, que eu verdadeiramente menos conhecia.

Este meu coração, á fôrça de ferido e de mal curado que tem sido, pressente e advinha as mudanças de tempo com uma dôr chronica que me dá. Pressenti não sei quê ao vêr approximar-se Georgina...»

—«Como foi bom em vir! Estou realmente feliz de o vêr. E Julia, a pobre Julia, que alegria que vae ter, hade cural-a de todo».

—«Pois quê! Julia está doente?»

—«Não o sabia!... Ai! não, bem sei que não: ella não lh'o quiz dizer. Julia está doente; mas não é de cuidado. Eu sempre quiz advertil-o antes que a visse, por isso calculei as horas do coche e vim para aqui esperal-o».

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

AS PLANTAS DE CASA

As plantas mais resistentes para uma sala, são as *Ficus*, *Paudanus*, *Dracaenas*, *Arpidistras*, a *Latania Borbonica* e as outras palmeiras: *Dattiers phaenix*, *Cycas*, *Ruphis*, *Chamaerops*.

Limpam-se as folhas d'estas plantas lavando-as com uma esponja fina, que lhes tira a poeira, e lhes facilita assim a respiração. Regam-se com uma chuva tepida as plantas herbaceas e molles.

Para se tratar convenientemente as plantas, deve pensar-se que são sêres vivos, que, como nós, sentem fome e sêde, e que carecem d'ar e de aceio. Deve proporcionar-se-lhes a terra que preferem, agua, luz e calor. Sem agua, a planta estiola se, secca e morre breve. Mas é mister regala convenientemente. isto é, sem excesso d'agua e sem demasiada frequencia. Inspeccione-se com os dedos e com a vista o estado da terra: nunca deve estar secca, mas deve derramar-se-lhe agua *devagar* e *unicamente* a necessaria. Percuta-se o vaso: se produzir um som cavo, regue-se; se o som fôr surdo, esperem-se alguns dias.

O ar é tão indispensavel á planta como a agua. Approximem-se as plantas d'uma janella aberta, ou exponham-se na varanda, sempre que o tempo o permitta. Tenha-se, porém, de vista o thermometro, para que, no estio, se não vão queimar ao sol as plantas habituadas a uma meia-luz.

Sem luz, a planta murcha. É, pois, necessario que entrem raios de luz e de sol na sala em que estão as plantas. As hastes inclinam se sempre para o ponto d'onde vem a luz. Por isso, de dois em dois ou de tres em tres dias, voltem-se as plantas, para que não tenham tempo de se inclinar mais para um do que para outro lado. Tambem as plantas reclamam calor, e, tirante certas especies exoticas, basta-lhes, em geral, uma temperatura de 8.° a 15.°

No proximo numero continuaremos a tratar d'este assumpto, tão interessante para as boas donas de casa, que adornam artisticamente os seus *boudoirs* e os seus salões com plantas raras e elegantes.

UMA RECEITA

A limpeza dos caixilhos dourados. — Para preservar os caixilhos dourados — e todos os dourados da mobilia — das manchas que n'elles deixam as moscas, basta esfregal-os com oleo de louro.

Os quadros dourados limpam-se muito bem e tornam-se brilhantes pelos seguintes processos:

1.° Lavem-se levemente com uma esponja imbebida d'espirito de vinho ou de essencia de terebenthina, e não se enxuguem.

2.° Esfreguem-se com um trapo de flanella humedecida em clara d'ovo.

CONSULTORIO DO DR. BRUMMEL

O *smoking*.

Achava-se Sua Alteza o Principe de Galles a passar a estação do outomno n'um dos seus esplendidos castellos, distante de Londres. Depois do jantar, fôra o Principe com alguns amigos fumar para uma sala, e ali notou que as casacas de tal modo se impregnavam de fumo, que, ainda muito tempo depois, exhalavam um cheiro desagradavel de tabaco.

—Devia inventar-se—observou o Principe—um casaco que se vestisse nos *fumoirs*, para que quando se passasse para um salão, se não levasse no fato o cheiro do tabaco que tanto repugna ás senhoras.

Foi esta a origem do *smoking* — palavra que em inglez significa *fumar*.

Decorrido pouco tempo, todos os elegantes de Londres usavam o *smoking*, que vestiam unicamente nos *fumoirs* dos castellos ou ainda nos *clubs* das estações thermaes e das praias de banhos.

Ha, porem, muita gente, ignorante do rigôr da moda, que usa o *smoking* nas cidades, quer para ir ao theatro quer para apparecer em *soirées* intimas. É um erro que nenhum homem *comme il faut* deve commetter.

O *smoking*, desde que termina a estação de banhos, deve guardar-se, e, até que chegue a proxima estação de aguas thermaes, não póde apparecer nas salas. Não póde nunca substituir a casaca. Ainda mesmo no campo ou na praia, se se é convidado para uma *soirée* de certa ceremonia em casa particular, é a casaca o vestuario de rigôr. Um dos mais affamados janotas de Inglaterra, interrogado sobre o uso do *smoking*, respondeu:

— Nunca se vista para uma sala, desde que n'ella se devem encontrar senhoras que se respeitam.

Estas palavras eram simples, não tinham nada que me devesse impressionar extraordinariamente, e todavia eu sentia-me agitado como nunca me sentíra. Olhava para Georgina como se a visse a primeira vez, e pasmava de a ver tão bella, tão interessante.

É uma situação d'alma esta que não sei que a descrevessem ainda poetas nem romancistas: desprezam-n'a talvez, ou não a conhecem. Está recebido que as subitas impressões causadas por um primeiro incontro sejam as mais interessantes, as mais poeticas.

Eu não nego o effeito theatral d'essas primeiras e repentinas sensações; mas sustento que interessa mais ess'outra inesperada e extranha impressão que nos faz um objecto já conhecido, que víramos com indefferença até alli; e que de repente se nos mostra tão outro do que sempre o tinhamos considerado...

Mas esta mulher é bella realmente! E eu que nunca o vi! Mas aquelles olhos são divinos! Onde tinha eu os meus até agora? Mas este ar, mas esta graça onde os tinha ella escondidos? etc. etc.

Vão-se gradualmente, vão-se pouco a pouco descobrindo perfeições, incantos; o sentimento que resulta é mil vezes mais profundo, mais fundado, sobretudo, que o das taes primeiras impressões tão cantadas e decantadas.

Que mais te direi depois d'isto? Entrámos em casa, vi Julia, fallámos de Laura muito e muito. Mas eu já o não fiz com o enthusiasmo, com a admiração exclusiva com que d'antes o fazia...

Julia recobrou, breve, a saude, e com ella o equilibrio do espirito. Renovou-se toda a alegria, todo o encanto das nossas conversações intimas, dos nossos longos passeios. Laura lembrava com saudade, mas suavizava-se, imbrandecia gradualmente aquella saudade.

Georgina que até alli parecia empenhar-se em se deixar eclipsar pela irmã, agora, ausente ella, brilhava de toda a sua luz, em graça, em espirito, por um natural singelo e franco, por uma exquisita doçura de maneiras, de voz, de expressão, de tudo.

Julia revia-se n'ella, e eu acabei pela adorar. Vergonha eterna sobre mim! mas é a verdade: quiz-lhe mais do que a Laura, ou pareceu-me querer-lhe mais... que tanto vale.

Eu sei!... Não, não lhe queria tanto. Mas amei-a.

Amei, sim, e fui amado!

Tres mezes durou a minha felicidade. É o mais longo periodo de ventura que posso contar na vida. Falsa ventura, mas era.

A imperiosa lei da honra exigiu que nos separassemos, que partisse para os Açores. Fui. Ninguem sacrificou mais, ninguem deu tanto como eu para aquella expedição. A historia fallará de muitos serviços, de muitas dedicações? Quem saberá nunca d'esta?

A historia é uma tola.

Eu não posso abrir um livro de historias que me não ria. Sobre tudo as ponderações e advinhações dos historiadores acho-as de um comico irresistivel. O que sabem elles das causas, dos motivos, do valor e importancia de quasi todos os factos que recontam?

Ainda não sei como parti, como cheguei, como vivi os primeiros tempos da minha estada n'aquelle escôlho no meio do mar, chamada a ilha Terceira, onde se tinham refugiado as pobres reliquias do partido constitucional.

Habituei-me por fim. A que se não affaz o homem?

Levaram-me uma tarde a um convento de freiras que ahi havia. O meu ar triste, distrahido, indefferente, excitou a piedade das boas mon-

Emfim, são estas as regras para as sociedades em que a moda se impõe d'uma maneira soberana. Entre nós, onde o codigo do Bom tom é mais ou menos despresado, pode applicar-se, n'estes casos, o que diz o adagio da presumpção e da agua-benta: — da casaca e do *smoking*, cada qual toma o que quer.

EPHEMERIDES SEMANAES

22 — Reunem-se os ministros em casa do sr. presidente do conselho, declarando-se este resolvido a «manter-se firme no seu proposito» (?), qualquer que fosse a attitude das camaras.

— Reunem-se em casa do sr. Serpa Pimentel os ex-ministros regeneradores, para accordarem na attitude do partido com relação ás propostas de fazenda.

— *Match* de *foot-ball* no Campo das Salesias, ficando vencedor o Club Lisbonense e vencido o Real Gymnasio Club.

23 — O sr. presidente do conselho declara na camara, em resposta ao sr. deputado Carlos Lobo d'Avila, que a ultima reforma dos estrangeiros, referendada pelo sr. Bispo de Bethsaida, não está revogada, mas não foi posta em vigor.

— O mesmo sr. presidente declara, em resposta ao sr. deputado republicano Jacintho Nunes, haver apenas recebido contra o cerceamento das regalias municipaes representações de vereadores, e não do povo.

— A camara dos pares approva as cartas regias nomeando pares do reino os srs. Marçal Pacheco, Pinheiro Chagas e José Maria dos Santos, mas lança ao primeiro 8 espheras pretas, ao segundo 3, e ao ultimo 1.

— Roubo importante na casa de cambio do sr. Testa, da rua do Arsenal, arrombando os ladrões o soalho do 1.º andar e o tecto da loja.

— Um grupo de cerca de 200 operarios dirigiu-se ao paço das Necessidades a pedir a El-Rei que lhes mande dar trabalho.

24 — Uma commissão de vereadores da camara municipal de Lisboa entrega ao sr. presidente da camara dos deputados uma representação de protesto contra a ultima reforma do ministerio das obras publicas, em que foram cerceadas as regalias municipaes.

— Reune a commissão de fazenda, e reconhece que o *deficit* do futuro exercicio, calculada pelo governo em 5.000 contos, deverá subir, na verdade, a perto de 8.000.

— Reune a commissão dos representantes das associações de classe para protestar contra os novos impostos.

25 — Fallecimento do dr. Julio Ferreira Pinto Basto, director da Caixa Geral dos Depositos, e cunhado do sr. presidente do conselho de ministros.

26 — Jantar diplomatico offerecido pelo sr. Conde de Bray na legação allemã, para solemnisar o anniversario natalicio do imperador Guilherme II.

— Estreia-se no theatro da Trindade a companhia franceza de *vaudeville* da actriz Judic, representando-se *La Femme à Papa*.

— Canta-se pela primeira vez n'esta epocha em S. Carlos a *Lucia*, agradando apenas, de entre os interpretes, a *prima-donna* Regina Pacini.

27 — Morte de José Gregorio da Rosa Araujo. A camara dos deputados lança na acta um voto de sentimento por este infausto successo.

— A companhia da Judic representa na Trindade *Le Fiacre 117*.

28 — O *Diario do Governo* publica uma portaria, approvando o projecto de ligação directa da estação de Villa Nova de Gaia, na linha ferrea do norte, com a da empreza dos elevadores.

— Na camara dos pares, o sr. Costa Lobo declara não saber as razões porque o sr. Dias Ferreira o fez sahir do ministerio, e pede a tal respeito explicações ao sr. presidente do conselho.

— Todos os jornaes de Lisboa se referem em termos sentidos á morte de Rosa Araujo.

— A actriz Judic representa pela primeira vez na Trindade o *vaudeville: Lili*.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Dizer-se que Regina Pacini cantou uma nova opera e que n'ella teve um novo triumpho, chega quasi a ser pleonasmo!

A *Lucia de Lamermoor*, que devia subir á scena na quinta-feira da semana passada, e que, por ausencia do tenor Lazarini, só foi cantada

---

jas. Uma d'ellas joven, ardente, apaixonada, quiz tomar a empresa de me consolar. Não o conseguiu, coitada! O meu coração estava em — shire em Inglaterra, estava na India, estava no valle de Santarem,

Pelo mundo em pedaços repartido;

estava em toda a parte, menos alli, onde nada d'elle estava nem podia estar.

Era Soledade que se chamava a freirinha, e com o seu nome ficou. Disseram o que quizeram os falladores que nunca faltam, mas mentiram como mentem quasi sempre, inganaram-se como se inganam sempre.

Eu não amei a Soledade.

E comtudo lembro-me d'ella com pena, com sympathia... Se eu sou feito assim, meu Deus, e assim heide morrer!

Viemos para Portugal: e o resto agora da minha historia sabes tu.

Cheguei por fim ao nosso valle, todo o passado me esqueceu assim que te vi. Amei-te... não, não é verdade assim. Conheci, mal que te vi entre aquellas arvores, á luz das estrellas, conheci que era a ti só que eu tinha amado sempre, que para ti nascêra, que teu só devia ser, se eu ainda tivera coração para te dar, se a minha alma fosse capaz, fosse digna de junctar-se com essa alma d'anjo que em ti habita.

Não é, Joanna; bem o vês, bem o sentes, como eu o sinto e o vejo.

Eu sim tinha nascido para gozar as doçuras da paz e da felicidade domestica; fui creado, estou certo, para a gloria tranquilla, para as delicias modestas de um bom pae de familias.

Mas não o quiz a minha estrella. Embriagou-se de poesia a minha imaginação e perdeu-se: não me recobro mais. A mulher que me amar hade ser infeliz por força, a que me entregar o seu destino, hade vel-o perdido.

Não quero, não posso, não devo amar a ninguem mais.

A desolação e o opprobrio entraram no seio da nossa familia. Eu renuncio para sempre ao lar domestico, a tudo quanto quiz, a tudo quanto posso querer. Deus que me castigue, se ousa fazer uma injustiça, porque eu não me fiz o que sou, não me talhei a minha sorte, e a fatalidade que me persegue não é obra minha.

Adeus Joanna, adeus prima querida, adeus irmã da minha alma! Tu acompanha nossa avó, tu consola esse infeliz que é o auctor da sua e das nossas desgraças. Tu, sim, que podes, e esquece-me.

Eu, que nem morrer já posso, que vejo terminar desgraçadamente esta guerra no unico momento em que a podia abençoar, em que ella podia felicitar-me com uma balla que me mandasse aqui bem direita ao coração, eu que farei?

Creio que me vou fazer homem politico, fallar muito na patria com que me não importa, ralhar dos ministros que não sei quem são, palrar dos meus serviços que nunca fiz por vontade; e quem sabe?... talvez darei por fim em agiota, que é a unica vida de emoções para quem já não póde ter outras.

Adeus, minha Joanna, minha adorada Joanna, pela ultima vez, adeus.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

na quinta-feira ultima, valeu a Regina outra ovação, tão fervorosa como as que colheu na *Somnambula* e no *Barbeiro de Sevilha*.

E já não é só a deliciosa voz da cantora que os *dilettanti* ouvem com encanto, admiram e applaudem com enthusiasmo; é tambem o talento com que ella interpreta a personagem, dando todo o realce ao papel e sabendo distinguir a *espiègle* e graciosa *Rosina* da apaixonada e desditosa *Lucia*.

É este talento dramatico, em que se sente vibrar a sensibilidade especial da artista, que o publico hoje reconhece e aprecia em Regina, prestando-lhe em cada noite um novo preito da sua admiração.

E é o que se póde dizer do desempenho da *Lucia*. O tenor Copolla e os outros artistas que se encarregaram dos diversos papeis, deixaram muito a desejar.

O publico manifestou o seu desagrado, e fel-o com justiça.

Hontem cantou-se pela primeira vez o *Orpheu*, de Gluck. Amelia Sthald foi applaudida.

D. Maria

Na ultima recita da moda fez-se a *reprise* do *Amigo Fritz* e do *Defunto*.

Trindade

Na quinta-feira estreiou-se n'este theatro a companhia franceza de que faz parte a notavel actriz Anne Judic. Subiu á scena a *Femme à papá*, uma peça que teve grande exito nos theatros de Paris.

Ha oitos annos que Judic veio pela primeira vez a Portugal, e as pessoas que então a ouviram receiavam que o decurso de tanto tempo tivesse modificado as qualidades da cantora e destruido a belleza da mulher. Pois essas pessoas ficaram surprehendidas, quando viram que Judic era ainda hoje a mesma mulher encantadora e a mesma graciosa artista que tanto admiravam e tanto applaudiram ha oito annos.

Nenhuma actriz franceza do seu genero póde rivalisar com Judic. A maneira especial por que ella diz e canta, frisando a malicia, sem affectação e sem exageros burlescos, constitue uma das qualidades superiores do seu talento, e ha-de sempre conquistar a admiração e os applausos enthusiasticos do publico.

Na segunda recita representou-se o *Fiacre 117*, hontem a *Lili*.

Escusado será dizer que em todas estas recitas Judic foi calorosamente applaudida, e applaudida pelas pessoas mais illustradas da nossa sociedade.

Os actores que acompanham Judic, apesar de não serem celebridades em França, representam com tamanha correcção e compenetram-se tão conscenciosamente dos seus papeis, que muito contribuem para o bom desempenho das peças.

Judic tenciona seguir de Lisboa para o Porto, representando uma noite em Coimbra.

*

Nos outros theatros e circos, não houve espectaculo novo.

Typ. Christovão — R. S. Paulo, 60

Bolsa semanal de Lisboa

Designação dos valores	Ultim s cotações anteriores.	DE 23 A 28 DE JANEIRO 23	24	25	26	27	28
Inscripções externas	28.45		28.	28.25	28.		
» internas	31.10	30.	30.26	30.30	30.25	30.30	30.30
» » ass	31.25			32.			
» » ass	31.30					30.70	
» » ass	31.						
» » coupon	34.	30.		30.60		34.500	
» » coupon	35.55			34.200			
Obrig. do Governo de 1888	13.000	13.000	13.000	13.000			
» » » » 1888 e 1889, ass.	40.000		40.500				
» » » » » » coup.	35.000				34.200		34.500
» » » » 1890	31.000	31.000					
» » » » com gar. dos Tab.	80.500			79.900	79.900	79.000	
» » Banco Nacional Ultramarino.	71.000						
» » » » »	90.000						
» da Comp. das A. de Lisboa, ass.	68.000						
» » » » » » » coup.	64.000					64.000	
» » » de Fiação de Thomar	74.000						
» » » do Gaz do Porto	67.000						
» » » Ger. Cred. Pred., ass.	90.000	90.000	90.000	90.000	90.000		90.000
» » » » » » ass.	87.500				87.500		
» » » » » » ass.	80.000				80.000		
» » » » » » ass.	72.500						73.000
» » » » » » coup.	90.000						
» » » » » » coup.	87.000						
» » » » » » coup.	69.000						
» Municipaes ou Districtaes	88.500						
» » » » ass.	81.000						
» » » » ass.	78.500						
» » » » coup.	84.000			82.000			82.000
» R. C. F. Atr. d'Africa	36.000					39.000	
» » » » » Portuguezes	30:000						
Acções de Bancos e Companhias:							
Banco Commercial de Lisboa	94 000				94.000		
» Lisboa e Açores	91.000	92.000			92.000	92.000	
» de Portugal	110.500	110.500			110.000		
Companhia das Aguas de Lisboa:	29.50%						
» do Gaz e Electricidade	27.000						
» Geral do Credito Predial	32.000				31.000		
» R. Cam. Ferro Portuguezes	17.400			17.000	17.000		
» dos Tabacos de Portugal	43.000						42.500
» R. Vinic. do N. de Portugal	90.000						

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura 9 h. m.	Max.	Min.	Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
21	—	—	12,3	6,2	1,1	3,8	—	—	—
22	775,3	6,3	13,8	5,1	0,9	5,0	Limpo	Chão	NNE mod.
23	773,4	6,9	12,5	4,4	1,4	5,7	Limpo	P. agitado	NN. mod.
24	773,0	5,6	12,3	2,4	0,7	2,2	Limpo	Chão	NNN. m. fr.
25	770,8	3,6	11,4	1,9	0,5	3,8	Limpo	Agitado	NNE. mod.
26	766,9	6,0	11,3	4,9	0,5	4,0	Encoberto	Peq. vaga	NNE. mod.
27	764,4	5,3	14,3	5,5	0,8	4,0	Encoberto	Chão	NE. mod.
28	764,0	12,2	—	—	—	—	M. nub.	Vaga	S. fraco
Méd.	712,5	6,5	14,3	6,2	8,4	4,0	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 15 A 21 DE JANEIRO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose pulmonar	18	21	15	29	11	24
Tuberculose outras	7	10	10	22	5	4
Lesões do coração	8	13	12	31	12	19
Apoplexia cerebral	10	10	17	10	9	15
Bronchite aguda	12	34	13	20	9	20
Pneumonia aguda	9	22	19	81	20	8
Febre typhoide	1	5	3	4	1	4
Variola	0	21	2	4	15	1
Diphteria	2	2	0	1	3	0
Cancro	4	8	4	2	3	1
Debilidade congenita	7	13	5	8	6	11
Outras causas	34	23	24	50	39	44
Total	112	182	124	262	133	151
Nascidos mortos	16	9	15	11	16	10

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1